

Lusíada



Repositório das Universidades Lusíada

Universidades Lusíada

Loução, Maria Dulce Costa Campos, 1958-

Breves pensamentos sobre arquitetura e circunstância

<http://hdl.handle.net/11067/6466>

<https://doi.org/10.34628/wsba-am98>

Metadados

Data de Publicação	2022
Tipo	bookPart

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-04-20T08:00:24Z com informação proveniente do Repositório

***BREVES PENSAMENTOS SOBRE ARQUITETURA
E CIRCUNSTÂNCIA***

Maria Dulce Loução

DOI: <https://doi.org/10.34628/wsba-am98>

O propósito da arquitetura é responder, com obra habitada, a um destino, uma intenção, um desígnio, que é a corporização do estado do eu no mundo, num tempo específico e num espaço que, pela arquitetura, completa o seu sentido.

Quem se propõe projetar, inicia uma longa caminhada repleta de perguntas, às quais o projeto procura dar resposta. Da questão, à formulação de hipóteses para a demanda da resposta, se processa o projeto, de sucessivas aproximações, por vezes contraditórias, noutros momentos consensuais e noutros, ainda, finalizados em certezas.

O processo do projeto é, inevitavelmente longo e lento porque coloca o autor fora de si próprio e transporta-o para dentro dos espaços que o seu desenho, o do autor, constrói como simulação de uma obra que ainda não existe mas que, contudo, já se prevê habitada.

Sons, cheiros, luz que entra por vãos criteriosamente selecionados para delas se ver o verde do bosque longínquo e iluminar um objeto pousado distraidamente numa mesa, talvez um livro, uma chávena de café fumegante, ou um brinquedo de criança. A decisão da sua dimensão, de que matéria, de que cor ou textura, esse vão já é real, sem o ser, durante o processo de projeto. E no esquiço, eis que surge, à mão levantada, no fundo da folha onde o corte da casa determina as relações altimétricas com a estrutura e a cobertura, o modo como se adoça ao terreno, e configura o pátio, um pequeno detalhe construtivo, do desenho de um caixilho que recebe o exterior e o transita para o interior daquela trama de vivências e que se virá a chamar casa, catedral, parlamento, ou mesmo cidade, bairro, rua vizinhança.

O projeto antevê, em passos sucessivos, por vezes aos tropeções, por tentativa e erro se progride no caminho de corporizar o desejo de uma certa forma de vida que habitará paredes e tetos, pavimentos e corredores, mesmo que estes já não estejam na moda, hoje onde habitar parece ter-se tornado efêmero e os quartos já mais não são que alcovas, como se não pudessem ser mundos de memória e sonhos, onde, para

além do descanso, se pode concentrar toda uma vida e as suas complexidades e contradições.

Sem retornar irremediavelmente ao tempo em que o tempo era lento e o futuro previsível, talvez valha a pena pensar, ao projetar, que mesmo as ruínas da guerra são matéria de arquitetura, mesmo a destruição e o medo do futuro merecem um desígnio, um traço que ganha vida e se transforma, em obra, uma inflexão de um percurso, feita para quem, com curiosidade e inquietação construtiva, se consiga vislumbrar o pôr do sol, o nascer da noite e o convite ao sonho, onde todo o mundo, enfim, encontre a paz.

Lisboa, Março 2022
Maria Dulce Loução



